




Oficina de Língua Portuguesa: Memorial de Leituras no Ensino Superior

Daniervelin Renata Pereira¹ 
¹ Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO


Este trabalho apresenta uma experiência vivenciada em uma turma introdutória do curso de Letras na disciplina presencial “Oficina de Língua Portuguesa”, ofertada pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais em 2017. Essa experiência se deu no contexto de ensino-aprendizagem de língua portuguesa no ensino superior em torno da produção de memoriais sobre a aprendizagem da leitura. Para o relato, apresentamos alguns conceitos que embasaram nossas práticas, como: modelos de leitura, leitura da “palavramundo”, Pedagogia dos multiletramentos, memória e Recursos Educacionais Abertos. Procedemos, então, ao relato descritivo e analítico das etapas que envolveram discussões em sala de aula e organização de um grupo de interessados na edição de um *e-book* que reuniu os memoriais dos graduandos. A produção independente dos textos produzidos pelos estudantes serviu à consolidação das práticas pedagógicas em sala e para além dela, dentro dos objetivos inscritos na disciplina, para valorização das memórias de cada estudante e também como maneira de inspirar leitores e levá-los refletir sobre o processo de leitura. Também mencionamos outros recursos educacionais abertos construídos para as atividades didáticas, os quais foram publicados e estão disponíveis *online*. Os resultados dessa experiência remetem à importância de um trabalho didático com questões específicas da leitura e da escrita que envolva o engajamento dos graduandos em atividades colaborativas e dinâmicas, relacionando inteligível e sensível.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias. Leitura. Recursos educacionais abertos. Ensino superior.

Correspondência ao Autor
¹ Daniervelin Renata Pereira
 E-mail: daniervelin@gmail.com
 Universidade Federal de Minas Gerais,
 Brasil
 CV Lattes
<http://lattes.cnpq.br/9783235143754513>

Submetido: 13 out. 2018
 Aceito: 10 dez. 2018
 Publicado: 01 jun. 2019

 10.20396/riesup.v6i0.8653674
 e-location: e020006
 ISSN 2446-9424

Checagem Antiplágio



Distribuído sobre



Portuguese Language Workshop: Memorial of Readings in Higher Education

ABSTRACT

This work presents a lived experience in an introductory class of the course of Letters in the face-to-face course “Oficina de Língua Portuguesa”, offered by the Faculty of Letters of the Federal University of Minas Gerais in 2017. This experience occurred in the context of language teaching and learning Portuguese in higher education around the production of memorials on reading learning. For the report, we present some concepts that support our practices, such as: reading models, reading the “palavramundo”, Pedagogy of multiliteracies, memory and Open Educational Resources. We then proceeded to the descriptive and analytical account of the stages that involved discussions in the classroom and organization of a group of interested parties in the edition of an e-book that gathered the memorials of the students. The independent production of the texts produced by the students served to consolidate the pedagogical practices in the classroom and beyond, within the objectives inscribed in the discipline, to value the memories of each student and also as a way to inspire readers and get them to reflect on the process of reading. We have also mentioned other open educational resources built for the didactic activities, which have been published and are available on-line. The results of this experience point to the importance of a didactic work with specific questions of reading and writing that involves the engagement of undergraduates in collaborative and dynamic activities, relating intelligible and sensitive.

KEYWORDS

Memories. Reading. Open educational resources. Higher education.

Taller de Lengua Portuguesa: Memorial de Lecturas en la Educación Superior

RESUMEN

Este artículo presenta una experiencia vivida en un curso de introducción a las cartas de clase de disciplina en el aula “Oficina de Língua Portuguesa” ofrecido por la Facultad de Artes de la Universidad Federal de Minas Gerais en 2017. Esta experiencia se da en la enseñanza de idiomas y el contexto de aprendizaje portugués en la educación superior alrededor de la producción de memoriales sobre el aprendizaje de la lectura. Para el relato, presentamos algunos conceptos que basaron nuestras prácticas, como: modelos de lectura, lectura de la “palavramundo”, Pedagogía de los multiletramentos, memoria y Recursos Educativos Abiertos. Se procedió, entonces, al relato descriptivo y analítico de los pasos involucrados en las discusiones de clase y la organización de un grupo de interesados en la publicación de un libro electrónico que reunió a los memoriales de los estudiantes. La producción independiente de los textos producidos por los estudiantes sirvió a la consolidación de las prácticas pedagógicas en sala y más allá de ella, dentro de los objetivos inscritos en la disciplina, para valorización de las memorias de cada estudiante y también como manera de inspirar lectores y llevarlos a reflexionar sobre el proceso de lectura. También mencionamos otros recursos educativos abiertos construidos para las actividades didácticas, que se publicaron y están disponibles en línea. Los resultados de esta experiencia remiten a la importancia de un trabajo didáctico con cuestiones específicas de la lectura y de la escritura que involucra el compromiso de los graduandos en actividades colaborativas y dinámicas, relacionando inteligible y sensible.

PALABRAS CLAVE

Recuerdos. Lectura. Recursos educativos abiertos. Enseñanza superior.

Introdução

Trazemos para discussão uma experiência de trabalho com memórias, ocorrida no segundo semestre de 2017 no contexto do ensino superior brasileiro: no curso de Letras, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). A experiência se deu em uma disciplina introdutória, que têm como objetivo desenvolver a leitura e a escrita de textos, de forma a preparar os alunos para a produção textual na universidade.

Não se trata de proposta inovadora utilizar memoriais como recurso didático, mas ela põe em discussão e favorece reflexões sobre metodologias, recursos e concepções de ensino de língua portuguesa no ensino superior, como mostraremos adiante. Destaca-se que essa foi minha primeira experiência nessa universidade, o que me permitiu conhecer um pouco sobre o perfil dos alunos da Faculdade de Letras, de maneira a delinear iniciativas de ensino, pesquisa e extensão que dialoguem com esse perfil encontrado.

As atividades em torno dos memoriais se deram antes, mas de forma articulada ao processo de letramento acadêmico, tratando aspectos próprios da prática social da escrita acadêmica (STREET, 2010), pelo trabalho com textos habituais na rotina universitária, como resumo, resenha e projeto de pesquisa. Introduzimos as aulas com as atividades em torno do gênero discursivo memorial, que pretendeu resgatar lembranças das práticas de leitura – não só da palavra, mas também do mundo e da palavramundo, conforme conceitos trazidos por Paulo Freire em “A importância do ato de ler”. O objetivo de começar pelo memorial foi criar um ambiente reflexivo sobre a leitura e a escrita, por uma experiência mais identitária, subjetiva, antes da incursão nos gêneros formais acadêmicos, objetivantes.

Nessa obra, publicada em 1981, Paulo Freire – importante educador, pedagogo e filósofo brasileiro, que se destacou por seu trabalho na educação popular e pelo que ficou conhecido como Pedagogia Crítica ou Libertária – apresenta uma “releitura” de suas próprias memórias do processo de letramento (sem usar esse termo). Ele fomenta uma importante discussão sobre o ato de ler, numa perspectiva crítica, como aquele que vai além da decodificação da palavra escrita. Para ele, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 2005, p. 11), não como ruptura, mas como continuidade. Quando ocorre uma ruptura, há uma “leitura da palavra”, no sentido restrito. A “leitura do mundo” é apresentada nesse texto como as primeiras experiências que temos de compreensão do nosso entorno, mediada por pessoas que estão a nossa volta, como familiares, por exemplo. “Revela também o trabalho individual de cada sujeito no próprio processo de assimilação da inteligência do mundo” (FREIRE, 1996, p. 139). Já a “leitura da palavramundo” entrelaça as duas leituras citadas, de forma coerente e significativa para os sujeitos envolvidos na formação educacional.

Não podemos deixar de citar aqui outra importante contribuição no que diz respeito ao potencial dos memoriais na educação. Magda Soares, em “Metamemória, memórias: travessia de uma educadora” (1990), destaca a importância do memorial para a compreensão do contexto de forma mais ampla. Também numa leitura biográfica, a educadora mostra como

foi capaz de aprender, assim como Freire (2005), através do exercício de pensar sobre o seu passado, revelando o quanto a reflexão sobre a própria trajetória é capaz de fazer com que os sujeitos ressignifiquem suas experiências e construam novos aprendizados/sentidos de si e do seu mundo social.

O memorial, como texto autobiográfico, que abordamos aqui como um gênero discursivo, caracteriza-se pela identidade entre protagonista, narrador e enunciador. Conforme Barros (2011, p. 26), a história é narrada, predominantemente, de forma retrospectiva e cronológica, no passado. “É, porém, a partir do presente que o narrador relata e recorda o passado”. Por ser da esfera literária, o gênero “possibilita o uso de diferentes normas linguísticas e favorece o fortalecimento dos estilos autorais” (BARROS, 2011, p. 26). Esse aspecto inerente ao processo de escrita do memorial contribui com questões importantes para o que prevê a ementa da disciplina “Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos”, como comprova este trecho dela: “Serão produzidos textos de vários gêneros acadêmicos na modalidade escrita, visando o aprimoramento da textualidade e de aspectos da norma culta que se fizerem necessários” (FALE/UFGM, 2017, s/p).

As tecnologias digitais entraram no processo de preparação, com uso de recursos educacionais abertos: *slides* intitulados “A importância do ato de ler”, com as ideias principais do texto lido pelos alunos, para discussão em sala de aula, disponibilizados com licença aberta no site do projeto “Recursos Educacionais Abertos para Leitura e Produção de Textos nas Licenciaturas – REALPTL”¹. No momento seguinte, programas como o LibreOffice, Gimp e Inkscape, todos *softwares* livres, foram utilizados na fase de edição do *e-book* que reuniu os memoriais dos alunos, também publicado nesse site.

Neste texto, apresentamos conceitos de “leitura” envolvidos em nossas práticas e a Pedagogia dos multiletramentos, que guiou nossas práticas; relatamos o processo de edição do *e-book*; analisamos o resgate das memórias; explicamos a adoção do conceito de Recursos Educacionais Abertos, mostrando exemplos publicados na prática relatada; e fazemos, por fim, as considerações finais.

Leituras

Segundo Solé (1998), diferentes modelos de leitura foram propostos ao longo da história. Os pesquisadores agrupam esses modelos em torno de dois tipos: hierárquicos ascendente – *bottom up* – e descendente – *top down*. No primeiro, o leitor faria um processamento da leitura começando pelas letras, continuando pelas palavras, frases e assim por diante, de forma sequencial, até chegar à compreensão do texto. Esse modelo é próximo ao que Freire chamou de “leitura da palavra”, como decodificação. No segundo modelo, o leitor usa seu conhecimento prévio e seus recursos cognitivos para antecipar o conteúdo do

¹ Disponível em: <http://realptl.letras.ufmg.br/realptl>

texto, que seria importante na verificação dessas antecipações. Assim, a partir das hipóteses, o texto é processado na leitura.

Solé (1998, p. 24), então, apresenta o modelo interativo, que:

não se centra exclusivamente no texto nem no leitor, embora atribua grande importância ao uso que se faz dos seus conhecimentos prévios para a compreensão do texto. Nesta perspectiva, o leitor se situa perante o texto, os elementos que o compõem geram nele expectativas em diferentes níveis (o das letras, das palavras...), de maneira que a informação que se processa em cada um deles funciona como *input* para o nível seguinte [...]. Mas simultaneamente, visto que o texto também gera expectativas em nível semântico, tais expectativas guiam a leitura e buscam sua verificação em indicadores de nível inferior (léxico, sintático, grafo-tônico) através de um processo descendente. Assim, o leitor utiliza simultaneamente seu conhecimento de mundo e seu conhecimento do texto para construir uma interpretação sobre aquele.

Consideramos que a perspectiva interativa apresentada por Solé nessa citação converge para a proposta de leitura da “palavramundo”, como literariamente Paulo Freire a denominou em seus escritos. Sendo assim, concordamos com o uso no plural, de “leituras”, uma vez que podemos nos identificar com uma ou várias delas não só em contexto educacional, mas também em outros.

Dessa forma, trazendo novamente para este texto nosso relato, a partir dessas concepções de leitura, os estudantes participaram da discussão do texto “A importância do ato de ler” e refletiram sobre suas próprias experiências. Dois trechos chamaram a atenção e ganharam muito enfoque nessa discussão:

Ao ensaiar escrever sobre a importância do ato de ler, eu me senti levado – e até gostosamente – a “reler” momentos fundamentais de minha prática, guardados na memória, desde as experiências mais remotas de minha infância, de minha adolescência, de minha mocidade, em que a compreensão crítica da importância do ato de ler se veio em mim constituindo (FREIRE, 2005, p. 11).

Ao ir escrevendo este texto, ia “tomando distância” dos diferentes momentos em que o ato de ler se veio dando na minha experiência existencial. Primeiro, a “leitura” do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo de minha escolarização, foi a leitura da “palavramundo” (FREIRE, 2005, p. 12)

A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 2005, p. 15).

O primeiro trecho nos levou a refletir sobre a “releitura” das experiências, com a consciência de que as memórias não são a experiência em si, mas o que o sujeito constrói discursivamente a partir de sua percepção sensível. O ato de “tomar distância”, dito na segunda citação, evita que o autor veja fragmentos de lembranças sem sentido, mas que conecte as memórias, (re)significando-as e interpretando seus efeitos na formação humana e social do sujeito. O terceiro trecho nos fez pensar sobre os diversos aprendizados que a leitura

de mundo nos permite, contrariando uma visão tradicional de que seriam essas primeiras experiências inexpressivas na formação educacional.

Parece que Freire inspirou mesmo os alunos, quando lemos, por exemplo, este trecho de um dos memoriais produzido por uma aluna inscrita na disciplina em questão neste relato: “Foram necessários muitos recuos, afastamentos e muitas voltas, para que eu aprendesse a ler a “palavramundo” (SOUZA, 2017, p. 46).

Tal exercício de leitura certamente está articulado à escrita. É à medida que escrevemos que a leitura vai tomando sentido e vamos reorganizando os fatos, nossa percepção deles, em processo de tomada e retomadas das experiências. Não há certamente algo pronto que despejamos sobre o papel. A reescrita, a partir de uma avaliação pelo professor, nesse caso, colaborou ainda para dar maior clareza ao texto, explicitar detalhes que faltavam para compreensão pelo leitor. Outra revisão num momento seguinte, pelos colegas que compuseram a equipe de edição do *e-book*, oportunizou outras sugestões para dar à escrita maior legibilidade, buscando interferir minimamente no estilo autoral, a partir de uma intervenção mais direcionada a aspectos relativos ao uso da norma padrão da língua portuguesa.

É preciso ainda destacar que, para além de tomarmos o aprendizado da leitura em fase inicial, processo que se buscou resgatar pelo olhar dos autores dos memoriais, é preciso alargar aqui esse conceito de leitura para abranger a formação dos acadêmicos. Na disciplina “Oficina de Língua Portuguesa: Leitura e Produção de Textos”, como já mencionado, o objetivo é trabalhar a leitura e a escrita em nível acadêmico, aprimorando habilidades e competências já adquiridas pelos alunos e acrescentando outras, como a produção de gêneros acadêmicos diversos. Nesse sentido, concebemos a aprendizagem da leitura e da escrita como um processo contínuo, que começa na alfabetização e evolui para o letramento, o qual avança na formação em níveis de complexidade cada vez maiores, à medida que o sujeito é exposto de forma ativa a diferentes textos na forma de diferentes gêneros (SOARES, 2006). Por considerarmos que a experiência com a leitura se amplia com o conceito de multiletramentos, adotamos essa perspectiva para planejar e desenvolver as práticas em torno e a partir dos memoriais.

Pedagogia dos Multiletramentos

Ao traçar os objetivos e metodologia da prática que relatamos, tínhamos em vista desenvolver letramentos ou multiletramentos (COPE; KALANTZIS, 2000). Os multiletramentos, segundo os autores, abrangem trabalho com multimodalidades, multiculturalidade e multilinguismo, tão importantes diante das práticas sociais cada vez mais diversificadas nos dias atuais. A multiplicidade de linguagens presente nos textos atualmente é chamada de multimodalidade ou multissemiose. Esse aspecto é fundamental para a inserção em um mundo em que significados emergem de forma cada vez mais translocal, multicultural

e híbrida. Para tal inserção, é também necessário incluir outras variedades linguísticas e línguas minoritárias na educação, numa perspectiva plural (COPE; KALANTZIS, 2000).

Rojó e Moura (2012, p. 23) destacam algumas características importantes dos textos nos multiletramentos:

- (a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos;
- (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]);
- (c) eles são híbridos, fronteirços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Sendo assim, não podemos nos esquivar de considerar todos os aspectos, verbais, não verbais e sincréticos, as marcas culturais e linguísticas deixadas na escrita dos textos tratados em sala de aula, contrariando o método tradicional de abordar apenas o verbal, a cultura erudita e a língua padrão no ensino de língua portuguesa.

Procuramos, assim, nos guiar pelos fatores que Cope e Kalantzis (2000)² propõem para a “Pedagogia dos multiletramentos” e a adequar ao nosso caso:

- **Prática situada:** levando em conta a necessidade de conhecermos, como professor, as origens e experiências dos alunos-educandos, fizemos um diagnóstico sobre o que são e a importância das nossas lembranças. Explicamos o porquê da atividade, que o processo de resgate das memórias ajudaria na preparação para que eles mesmos, como licenciandos ou não, projetassem ações mais conscientes sobre a leitura e a escrita.
- **Instrução Explícita:** atividades foram planejadas e desenvolvidas envolvendo multimodalidades para que os alunos compreendessem o gênero memorial e os conceitos de “leitura da palavra”, “leitura do mundo” e “leitura da palavramundo” a partir da leitura de “A importância do ato de ler”, de Freire (2005). Evitamos aulas expositivas e propusemos a leitura compartilhada do texto e discussão aberta sobre as questões que surgiram. Dessa forma, os alunos eram participantes ativos nas atividades de preparação para a escrita dos memoriais e de acompanhamento da escrita dos colegas.
- **Enquadramento Crítico:** provocamos um processo de conscientização de aspectos comuns no letramento inicial (coisas e pessoas importantes, tipos de práticas, fatos históricos e contextuais, materiais educativos utilizados, brincadeiras típicas, entre outros). Com a participação de alguns alunos, outros foram acrescentando lembranças comuns ou diferentes, aproximando ou distanciando experiências de acordo com formas de vida, local de moradia, condições financeiras, práticas escolares, contexto

² Mesmo tendo conhecimento de que uma proposta atualizada foi feita pelos autores posteriormente (COPE; KALANTZIS, 2009), preferimos nos basear nesta, de 2000, por identificação teórico-metodológica nossa com o primeiro modelo.

histórico e tipos de valores culturais, por exemplo. A colaboração foi essencial para criar o ambiente propício de imersão nas próprias memórias.

- **Prática Transformada:** na escrita do próprio memorial, em casa, os alunos deviam mostrar que compreenderam as orientações nas etapas anteriores e ter um posicionamento crítico na retomada das próprias lembranças. Não se trata de apenas narrar de forma instintiva o que está na memória, mas de tomar a escrita como um processo sensível que leva em conta o sujeito atual, enunciador, no seu olhar para trás, mesmo que fiquem, como esperado, explícitas as sensações e impressões do sujeito lembrado. Nesse processo, pode haver justaposição, integração e tensão entre o passado e o presente, como decorrentes do próprio fazer autobiográfico literário. Nesse percurso, os próprios autores identificaram momentos em que a leitura da palavra, do mundo ou da palavramundo ocorriam, apropriando-se, muitas vezes criativamente, desses conceitos.

Ainda podemos acrescentar a essas etapas os momentos seguintes à prática transformada, com a leitura do outro (professor e colegas), avaliação da escrita, reescrita e autoavaliação pelo autor. O texto final foi, certamente, aperfeiçoado com essa sequência. A avaliação final da atividade foi positiva e só chegou ao que relatamos aqui devido ao grande entusiasmo que os envolvidos mostraram durante cada etapa.

Edição dos E-books

A ideia de um *e-book* só veio durante o processo, quando, como professora, constatei a riqueza dos relatos memorialísticos e como eles poderiam colaborar na reflexão e inspiração dos leitores (como Paulo Freire fez conosco no texto citado).

Assim, pensamos que uma edição pelos próprios alunos daria àquela obra um olhar dentro e mais condizente com o conteúdo dela, além dos aprendizados próprios dessa nova empreitada. Montamos, então, uma equipe com alunos que tinham disponibilidade para se reunir periodicamente durante alguns meses, fora dos horários das aulas. Nesses encontros, definimos o *design* do *e-book*, de acordo com o que fomos projetando para sua identidade. Escolhemos alguns *softwares* para a edição e uma das alunas, que gostava de desenhar, assumiu a tarefa de criar a capa e ilustrar em aquarela os memoriais.

Nessa etapa, algumas questões surgiram e foram discutidas pela equipe, como forma de aprendizado: a questão da verdade na produção do memorial (o contrato autobiográfico é o que importa entre autor e leitor, sem nos preocuparmos com a “realidade”); o uso de imagens disponíveis na internet (os alunos perceberam que muitas vezes se apropriavam de imagens sem observar os direitos autorais que restringiam seu uso); os limites de edição do texto do outro (até que ponto podemos revisar, alterar o texto memorialístico do outro, além de questões sensíveis de proposição de uma ilustração para o texto do outro); dificuldades e ganhos do trabalho em equipe (houve alguns problemas de divisão de tarefas e de indicação

de nomes da equipe na obra, o que nem sempre foi ponto pacífico, mas certamente serviu de aprendizado para os integrantes da comissão).

As ilustrações foram apresentadas em sala para que os colegas julgassem se eram condizentes para o que esperavam do livro. A primeira proposta da capa, com marcas do gesto inicial e individual da aluna, pode ser vista na Figura 1. A Figura 2 mostra a capa final, após discussão coletiva, inclusive da fonte a ser utilizada.

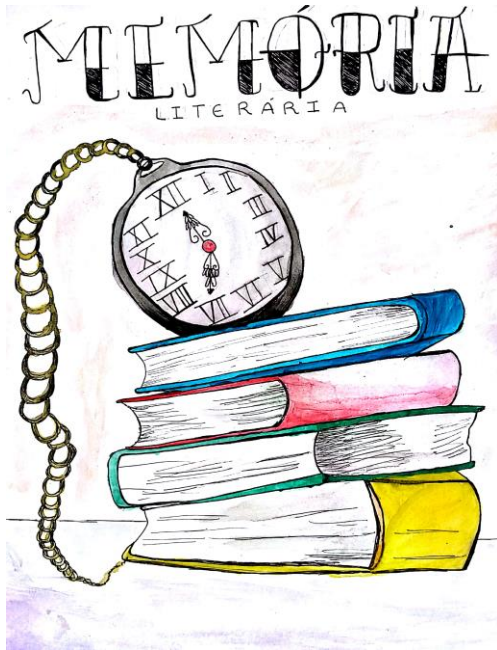


Figura 1. Primeira proposta de capa para o e-book.



Figura 2. Versão final da capa do e-book.

Fonte: Mariana Sá Bertolacini³ (PEREIRA *et al.*, 2017).

Após discussão, que aconteceu durante as atividades que se seguiram à produção dos memoriais, no trabalho com gêneros acadêmicos, novas reuniões foram realizadas para revisão (que acordamos ser mínima, em termos de escrita, para não interferirmos na identidade do texto, que se tornou para nós objeto literário), edição gráfica e publicação final. A versão publicada foi apresentada no último dia de aula da disciplina. Apresentamos, na Figura 3, uma imagem de um dos memoriais publicados:

³ Deixamos a identificação da aluna neste texto, uma vez que a autoria da capa está explicitada no e-book, com autorização de todos os envolvidos.

Memórias

Charles

Penso nos meus primeiros passos dentro do processo de alfabetização. Naquela época, eu era um aluno de uma escola pública de Salvador. Com esses pensamentos, vem a saudosa lembrança de uma professora, tamanho era o seu zelo e carinho para com os alunos. Contudo, o tempo passou, vieram as séries seguintes com os professores exigentes, o tratamento ficou impessoal, as professoras sumiram, os professores tornaram-se coronéis de fato e/ou de ato. Enfim, a escola torna-se um fardo quase insuportável. Quanto à leitura? Esta se arrastava e permanecia na superfície. “Palavramundo”? Isso nem em sonho! Isso era só para comunistas, mas em algum momento uma chama foi acesa, talvez a chama da curiosidade, não sei ao certo. E mesmo sem que eu conhecesse sua origem, ela teimava em não se apagar.

Assim, através desse incômodo, continuei lendo, sem saber direito o que e para quê. Dessa forma, os anos se foram, veio o casamento, vieram os filhos, muito trabalho, mas algo me inquietava.

Enfim, aquele que um dia foi um “monstro” tenta tornar-se humano através do desenvolvimento do letramento, que, com a ação da universidade, cresceu e cresce, em um processo que parece não ter fim, para o reconhecimento cada vez mais amplo da “palavramundo” e de seus efeitos.



Figura 1. Um dos memoriais publicados no *e-book*.

Fonte: [\(PEREIRA et al., 2017, p. 16\)](#).

Importante destacar que todos os alunos foram consultados sobre o interesse na publicação do seu texto e os que a autorizaram puderam criar, os que quiseram, pseudônimos para que sua identidade fosse preservada. O autor do memorial exposto na Figura 3, por exemplo, criou um nome fictício para a autoria do texto.

Na próxima seção comentaremos um pouco os memoriais.

Resgate das Memórias

Essa não foi a primeira experiência que vivenciamos com memórias no ensino superior. Antes dela, no curso Licenciatura em Educação do Campo, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, também os alunos produziram memoriais sobre suas lembranças do processo de letramento inicial e, ao final do curso, as mesmas memórias foram trabalhadas para servir à introdução do Trabalho de Conclusão do Curso, em formato de monografia.

No mesmo curso, mas em outra universidade brasileira, a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, os professores Carlos Henrique Silva de Castro e Luiz Henrique Magnani também fizeram percurso semelhante, publicando um *e-book* com as memórias dos seus alunos, “Memórias de Letramentos: vozes do campo” (2017), que também foi publicado no mesmo site do projeto REALPTL.⁴

Dessa forma, as memórias têm se mostrado um excelente recurso para que os graduandos, ao resgatarem as lembranças boas, e outras não tão boas, reflitam sobre como foram introduzidos no mundo da leitura e comecem a questionar concepções educacionais e linguísticas que elas revelam, como frutos do processo histórico no qual se inserem. Vejamos um trecho de Freire (2005) que nos deixa analisar concepções do que, para ele, é tradicional e, por oposição, o não-tradicional:

Não eram, porém, aqueles momentos puros exercícios de que resultasse um simples dar-nos conta de uma página escrita diante de nós que devesse ser cadenciada, mecânica e enfadonhamente “soletrada” e realmente lida. Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura, incluindo a do então jovem professor José Pessoa (FREIRE, 2005, p. 16).

O autor, nesse trecho, entende o exercício mecânico de soletrar um método tradicional que pode ser superado com atividades diversas (não-tradicionais) que suscitam a curiosidade, pelo que o texto oferece de mais relevante ao seu leitor. Dessa forma, Freire coloca o sujeito no centro do processo educativo da leitura, negando o valor de um método que por si garanta um aprendizado do aluno. Este outro trecho reforça essa concepção e explicita uma visão de letramento que o autor já apresentava na época da escrita, com indícios de uma compreensão de que a gramática deve ser contextualizada (entendida no âmbito do texto e não como conjunto de regras soltas):

Algum tempo depois, como professor também de português, nos meus vinte anos, vivi intensamente a importância do ato de ler e de escrever, no fundo indicotomizáveis, com os alunos das primeiras séries do então chamado curso ginásial. A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes (FREIRE, 2005, p. 16-17).

A partir das discussões sobre esse convite à reflexão sobre a leitura por Freire, esperava-se dos alunos que tomassem distância do lembrado, de suas memórias, para propor discussões sobre como foram introduzidos na ou nas leituras. Surgiram alguns comentários que nos ajudam a entender melhor as concepções que acompanham a formação escolar:

O processo de aprendizagem da leitura se inicia com letras, palavras simples, até combinações mais complexas e frases. Pequenos livros com caligrafias grandes e claras sempre facilitam a alfabetização infantil, pois facilitam a visão e diferenciação. Certamente, não consideramos em meio acadêmico que cinco páginas

⁴ Disponível em: <http://realptl.lettras.ufmg.br/realptl/arquivos/1771>.

resumidas de um livro da Chapeuzinho Vermelho ou um gibi da Turma da Mônica sejam uma literatura de qualidade, mas é necessário avaliar seu contexto e importância literária (MARY, 2017, p. 37).

Esse trecho parece ter como referência de leitura o modelo *bottom up*, citado por Solé (1998), das letras para as frases, que ela rejeita em prol da perspectiva interativa, já citada. Observamos, ainda, a crença de que o meio acadêmico rejeita resumos de obras infantis, que estariam distantes da “literatura de qualidade”, posição que a autora do memorial nega como regra. Em contraposição, um outro memorial ressalta um trabalho diferente pela literatura:

[...] nas aulas de literatura, a leitura da palavra deixou de ser apenas a forma e ganhou o conteúdo, um conteúdo que movia minha alma a sempre querer mais. A palavra não era apenas a grafia de algo estático, era a representação do mundo, de um mundo que eu jamais poderia conhecer fisicamente e, ao mesmo tempo, um mundo que eu queria cada vez mais conhecer (FONSECA, 2017, p. 14).

Nesse excerto percebemos que, para além da leitura do mundo como experiências vivenciadas pelo sujeito em seu entorno, como Freire (2005) relata, a autora acrescenta a importante função da literatura de mostrar outros mundos, acessados pela imaginação.

Encontramos ainda uma crítica à diferença entre ensino privado e público: o autor refere-se a sua experiência de sair de uma escola particular, em que era classificado como mau aluno, para uma escola pública, quando, diante dos novos colegas, passou a ter posição de destaque: “[...] percebi o choque da qualidade do ensino do sistema privado de educação para o sistema público, pois de pior aluno da turma saltei para o melhor disparado” (FRANÇA, 2017, p. 49).

Outros temas comuns são indicados a seguir, a partir da recorrência de algumas figuras discursivas, que recolhemos dos memoriais. Essa configuração é resultado de uma primeira análise da obra. Outros pesquisadores, com olhares diferentes, poderão encontrar outros temas e figuras:

a) A “palavramundo”: “sonho”, “comunista”, “representação do mundo”, “visão de mundo crítica e criteriosa”, “diferença em quem a ler”, “ato como leitora”, “multiculturalidade”, “próprias histórias a partir das imagens”, “conteúdo que move a alma, representação do mundo (≠ grafia de algo estático)”.

b) A língua e a literatura: “palavras: conjunto de sons que significam algo?”, “mano, cê tá bem?” vs. “Eu vos sou muito grata”, “algo que eu já dominava” vs. “continuará não dominando”, “decorar regrinhas”, “pais se comunicando”, “fantasia”, “intergalático em naves de velocidade igual à da luz”, “amar as letras”, “grande parte da minha humanidade”, “primeiramente a letra e depois a imagem à qual ela correspondia”.

c) A relação com o livro: “livro de adulto” = “topo da estante” → “curiosidade”, “velho amigo”, “almanaque”, “revistinha”, “enciclopédia”, “dicionário”, “Supermanual do escoteiro mirim”, “Turma da Mônica”, “primeiro contato na escola”, “coleção Vagalume”.

d) A escola, o professor: 1) “tradicional”, “instituições”, “quadros negros do Colégio Franciscano”, “repetir teorias”, “a educação sempre muito rígida e metódica” 2) “professor com amor corrige as falhas do primeiro aprendizado”, “biblioteca, local preferido”.

Esse é um apanhado que mostra o potencial dos memoriais como fonte de pesquisas, que podem revelar métodos, metodologias, sujeitos importantes do processo educacional, entre outros aspectos importantes não só para a Educação como também em estudos de outras áreas.

Recursos Educacionais Abertos

É importante ainda esclarecermos uma outra referência importante que embasou nossa prática: a noção de Recursos Educacionais Abertos (REA). A UNESCO cunhou o termo

no ano de 2002, em um fórum sobre o [Impacto dos Cursos Abertos](#) para descrever o fenômeno de compartilhamento aberto de recursos educacionais. Na ocasião, foram apresentadas iniciativas que demonstravam o potencial de REA para aumentar o acesso a uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade. Dez anos após, em 2012, a Unesco promoveu o [I Congresso Mundial de REA](#) que resultou na [Declaração REA de Paris](#), um documento construído a partir de seis fóruns realizados anteriormente em todas as regiões do mundo: Caribe, África, América Latina, Europa, Ásia e Oriente Médio e visa ajudar governos e instituições a adotarem políticas de REA (AMIEL et al., 2018, s/p.).

Para a Unesco e a partir de suas iniciativas, os REA ficaram conhecidos como:

materiais de ensino, aprendizado, e pesquisa em qualquer suporte ou mídia, que estão sob domínio público, ou estão licenciados de maneira aberta, permitindo que sejam utilizados ou adaptados por terceiros. O uso de formatos técnicos abertos facilita o acesso e o reuso potencial dos recursos publicados digitalmente. Os REA podem incluir cursos completos, partes de cursos, módulos, livros didáticos, artigos de pesquisa, vídeos, testes, software, e qualquer outra ferramenta, material ou técnica que possa apoiar o acesso ao conhecimento (AMIEL et al., 2018, s/p.).

Dentro dessa perspectiva, adotamos o formato aberto .odt e .odp para compartilhamento dos REA criados para discussão nas aulas. Foram eles publicados na plataforma livre Wordpress e ainda utilizamos o *plugin* 3D FlipBook, para garantir uma experiência estética de “livro” para o leitor, com efeito visual de passagem de páginas. Outros dois critérios foram cumpridos: seleção de licença aberta, Creative Commons By SA, para compartilhamento na mesma licença, mas permitindo uso, reuso e adaptações, desde que atribuída autoria. Além disso, os autores, organizadores e ilustradora foram devidamente citados no REA, garantindo a autoria.

Além dessas ações para garantir coerência com o projeto REA – e do REALPTL –, também orientamos os alunos sobre tal perspectiva de uso de REA na educação, que queremos aberta. Os alunos não conheciam essa perspectiva. Isso porque estavam no primeiro semestre do curso de Letras e porque as iniciativas práticas sobre o tema ainda são poucas, mesmo no ensino superior. Na educação básica, temos notícias de algumas iniciativas em São

Paulo (SANTANA, ROSSINI, PRETTO, 2012), mas em Belo Horizonte, onde a Universidade Federal de Minas Gerais está sediada, não conhecemos algo parecido.

Portanto, essa experiência em e além da sala de aula teve como objetivo também apresentar o movimento da educação aberta, fundada no uso de REA, para os alunos, tornando possível conhecimento e multiplicação da ideia pela produção final resultante da atividade, como já destacamos em outros estudos (PEREIRA; FETTERMANN; CÉSAR, 2016^a, PEREIRA; CÉSAR; MATTE, 2016 b).

Ressaltamos, ainda, dois outros REA criados no contexto desta experiência e que podem ser utilizados e adaptados por outros interessados: apresentação em slides sobre o capítulo “A importância do ato de ler”⁵, já citado neste texto, e informações sobre o método Paulo Freire de alfabetização⁶.

Considerações Finais

O relato feito até aqui, de trabalho com memoriais no ensino superior, foi guiado pela “Pedagogia dos multiletramentos” e da leitura como processo interativo, que, de maneira convergente com a proposta de tipos de leitura de Freire (2005), entende o processo de leitura e escrita de forma contextualizada e contínua. Na perspectiva dos REA, possibilitamos a publicação aberta do material digital e, graças a isso, hoje ele pode ser acessado e utilizado abertamente por vários usuários interessados.

Como proposta metodológica, ressaltamos a importância do gênero discursivo memorial, nem sempre valorizado na universidade, como importante para a conscientização crítica dos graduandos sobre sua formação na educação básica, de forma a transformar positivamente sua prática no ensino superior e mesmo sua prática profissional futura, especialmente como professores. Além disso, cabe ressaltar a importância do trabalho colaborativo entre os alunos, engajando-os em atividades que se abrem ao sensível, ao subjetivo, sem perder de vista objetivos curriculares previstos na disciplina. O trabalho que se seguiu sobre gêneros acadêmicos, que não abordamos neste trabalho, certamente foi beneficiado por esse trabalho inicial, refletindo-se numa segurança maior na leitura e na escrita, além da colaboração entre os envolvidos na disciplina.

Paulo Freire, que nos guiou e guia nesses caminhos de abertura, embora ainda pouco utilizado nos cursos de Letras (restrito, muitas vezes, às discussões na Educação), pode contribuir muito para percebermos o aluno como sujeito ativo, protagonista do seu próprio processo de formação. Por fim, os multiletramentos nos parece uma perspectiva bem coerente para esse caminho formativo, para ressignificar nosso contato com as tecnologias digitais, considerando seus aspectos linguísticos, semióticos e culturais.

⁵ Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1710>

⁶ Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1336>

Referências

AMIEL, Tel *et al.* **Curso recursos educacionais abertos/educação aberta**. 2018. Curso ofertado, sob financiamento da CAPES, a profissionais da Universidade Aberta do Brasil, de abril a julho de 2018.

BARROS, Mariana Luz Pessoa de. **O discurso da memória: entre o sensível e o inteligível**. 2011. 309f. Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-29042013-101320/pt-br.php>. Acesso em: 11 set. 2016.

CASTRO, Carlos Henrique Silva de; MAGNANI, Luiz Henrique. **Memórias de Letramentos: vozes do campo**. Diamantina: UFVJM, 2017. Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1771>. Acesso em: 29 abr. 2018.

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary (Ed.). **Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures**. London: Routledge, 2000. ISBN: 9780415214216

COPE, Bill; KALANTZIS, Mary. Multiliteracies: New Literacies, New Learning. **Pedagogies: An International Journal**. v. 4, n. 3, 164-195, 2009. ISSN 1554-480X, DOI: 10.1080/15544800903076044

FALE/UFMG. UNI003 - OFICINA DE LP: LEITURA E PROD. DE TEXTOS (EQUIV. LET203). Disponível em: <https://grad.letras.ufmg.br/curso/conteudo-programatico>. Acesso em: 25 set. 2018.

FONSECA, Barbara Muniz da. A Literatura no meu mundo de palavras. In: PEREIRA, Daniervelin Renata Marques *et al.* **Memorial de leituras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2017, p. 14-15. Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1808>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FRANÇA, Tadeu. Vinícius de. Desenvolvimento linguístico. In: PEREIRA, Daniervelin Renata Marques *et al.* **Memorial de leituras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2017, p. 49-50. Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1808>. Acesso em: 18 abr. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. ISBN: 9788577530168

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 46. ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 11-21. ISBN: 8524903082

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques; FETTERMANN, Joyce; CÉSAR, Danilo Rodrigues. O que são recursos educacionais abertos? Limites e possibilidades em discursos, **Calidoscópico**, São Leopoldo, RS, v. 14, n. 3, p. 458-465, set/dez 2016a. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/viewFile/cld.2016.143.09/5811>. Acesso em: 28 mai. 2017. doi: 10.4013/cld.2016.143.09

PEREIRA, Daniervelin Marques; CÉSAR, Danilo Rodrigues; MATTE, Ana Cristina Fricke. Uma análise de recursos educacionais para ensino de língua portuguesa: ELO e Redigir. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 41, n. 71, p. 13-26, out. 2016b. ISSN 1982-2014. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/7357>. Acesso em: 27 dez. 2018. doi:<https://doi.org/10.17058/signo.v41i71.7357>.

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques et al. **Memorial de leituras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2017. Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1808>. Acesso em: 18 abr. 2018.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTANA, Bianca; ROSSINI, Carolina; PRETTO, Nelson. **Recursos educacionais abertos: práticas colaborativas e políticas públicas**. Casa de Cultura Digital e Edufba, 2012. Disponível em: <http://www.livrorea.net.br/>. Acesso em 1 fev. 2017. ISBN: 9788523209599

SOARES, Magda. **Metamemória, memórias: travessia de uma educadora**. São Paulo: Cortez Editora, 1990. ISBN: 852490271X

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. ISBN: 9788586583162

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre, 1998. ISBN: 9788584290086

SOUZA, Sara Rezende. A centopeia e seus livrinhos. *In*: PEREIRA, Daniervelin Renata Marques *et al.* **Memorial de leituras**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2017, p. 45-46. Disponível em: <http://realptl.portugueslivre.org/realptl/arquivos/1808>. Acesso em: 18 abr. 2018.

STREET, Brian. Dimensões “Escondidas” na Escrita de Artigos Acadêmicos. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 28, n. 2, 541-567, jul./dez 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2010v28n2p541>. Acesso em: 27 dez. 2018. doi: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2010v28n2p541>